REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 404

11 DE MARÇO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

HINTZE RIBEIRO

É difficil escrever de um homem, a quem nos prendem laços intimos de amizade antiga. Não é facil. Se a convivencia, por vezes, quebra os idolos, arrefece os sentimentos, amollece a admiração, substituindo-a pela indifferença, tambem é de acontecer, e não raro, que a observação constante e persistente no convivio de todos os dias, descubra qualidades, e forme juizos, que, pela sua mesma exactidão, podem antolhar-se lisongeiros. É o que ora está succedendo ao falarmos de Hintze Ribeiro. Convivemos em Coimbra, na epoca da juventude oirejada, em que o futuro começa a definir-se, lendo aos inconscientes a *buena dicha* do seu destino.

Uma noite, n'aquella formosa cidade, sou bem lembrado, com elle tres moços que hoje são homens feitos, eram abancados em de redor do jantar alegre, de que Hintze Ribeiro era o amphitryão. Chamavam-se Julio de Vilhena, Marçal Pacheco, e o auctor d'estas linhas cujo nome, por humilde, não merece referencia. A *comida*, consoante o dizer de Hespanha, começou *silente*, mas logo de afestoar-se de palestras, risos e discursos. Um padre, no vigor dos annos, então jubiloso camarada e melhor amigo, acompanhava, sem ser *inter pocula*, á mesa aquelles moços. A meio do festival, *porém*, o bom do ecclesiastico, em gestos admirativos, apenas soltava esta palavra: — extraordinario! Afinal, sem mão em si, dirige-se aos convivas:

— Olhem lá, o primeiro de vocês que fôr ministro, faz-me bispo?

Todos: — Certamente.

Oito annos dobados, dois d'aquelles moços eram ministros da corôa; o terceiro ainda o será; o ultimo não quero que o seja, pois, ao escrever estas linhas, vive em ermo presbyterio, aqui ás abas de Cintra, n'uma aldeia sobre as fragas da serra. O caso, qual o dissemos, succedeu ha 17 annos; e hoje um dos ministros de 1881, que pelo correr dos tempos foi augmentando em saber e credito, volta a secretario de estado dos negocios extrangeiros.

É Hintze Ribeiro, e vamos fallar d'elle.

I

Esta narrativa começou de uma anedocta de Coimbra, (e tantas poderiamos referir se não escrevessemos biographia, e sim *dècameron*); mas, não faremos historia com a tradição oral, segundo os apostolos, que mesmo assim escreveram bem. E para o nosso proceder ha um motivo especioso. Em nossa terra, entre tantas cousas boas, ha o mau sestro, acofiado na palestra das escolas, — de sagrar genios, ou de escarnecer por incapazes a certos individuos, não attentando em suas acções ou procedimento de vida.

Delmiro, para exemplo, é um genio, um subtil, um argumentador *hors ligne;* sabe tudo, e ainda que pouco estudioso, adivinha as questões! As gerações de hontem legam esta tradição ás gerações de hoje, e Delmiro vae envelhecendo tranquillo, prebendado, honrado, inoffensivo, e inutil! Com a fronte aureolada do nimbo de — *grande genio*, foi ministro uma vez, duas vezes, tres vezes, e no interregno de seus consulados, pouco disse, nada fez, a ninguem opprimiu ou vexou, mas tambem nada escreveu, nem o seu nome com uma acção prestante. Feliz Delmiro! É um genio. E assim vae elle direito ao Conselho de Estado; feliz Delmiro!

HINTZE RIBEIRO

Eis porque não faremos biographia, nem com a affirmação do rapazio das escolas, nem mesmo com os dizeres, mais ou menos eivados de paixão, do nosso jornalismo. Quem, amanhã por elle escrever historia, não será disserto. Sirva de exemplo o mesmo Delmiro. Fallou elle bem? Dirão os jornaes do seu lado:

— Sim, excellentemente.

Os do partido contrario:

— Não, horrivelmente.

Mas tem talento, é activo, merece governar-nos?

Os jornaes da sua feição: — Oh! certamente; é um genio, um José, de actividade febril, o unico homem de governo nas circumstancias actuaes.

Os contrarios: — Quem, Delmiro? Um tolo, immoralissimo, dorminhoco; pois se elle não governa a sua casa, como ha-de governar o paiz?

Assim vae a pai-

xão politica escrevendo historia pelos jornaes, e os partidos, não raro, á imitação d'elles pelos clubs e assembléas. É de ver que tudo isto é assim; e eis, por evitar o julgamento suspeito, que lançaremos mão da escola positiva, só olhando aos actos e acções do individuo ao nosso proposito: — se ligou o seu nome a uma reforma de melhoria, se escreveu algum livro, se fez orações ou discursos, que mereçam nome.

O marquez de Pombal será sempre um estadista eminente e indiscutivel para todos os partidos. E porque? Olhe-se o Collegio dos Nobres, a reforma da Universidade, a reforma das successões, a emancipação dos negros, as primeiras escolas, e tanto e tanto que elle deixou de si, — que todos lhe querem: — republicanos, constitucionaes e monarchistas extremes.

Com Hintze Ribeiro virá a succeder o mesmo? Está-nos a parecer que sim. E, se a demonstração não fôr de servir, que nos perdoe o illustre biographado, — que irá a culpa á penna do escriptor e não ao assumpto.

II

A eloquencia é uma nobre arte; mas, sendo uma cumplicidade com as assembléas, não raro, illusão das illusões de quem escuta, e vae enlevado no timbre sympathico da voz que falla, na figura attrahente do orador, ou na sua paixão indignada, que, certamente, e não raras vezes, desperta a paixão indignada de quem escuta; — a eloquencia, porque referve de mil cousas, idéas, sentimentos e circumstancias do tempo, em que discorre o orador, em que elle vive, e que amanhã será ido com as paixões arrefecidas; e o tribuno será no tumulo, sem poder allumiar o discurso que ficou, com o gesto vivo ou brando da physionomia propria, a irradiação do seu olhar, e o calor do seu temperamento; — porque tudo isto é assim, eu, respeitador da nobre arte da eloquencia, mais o sou por certo da nobre arte do escriptor; e disposto á maior admiração, e a que se dê a palma triumphante ao que, por ventura extranha, accumula em si as duas forças, ambas criadas para lazer, prazer, convencer e dirigir os homens.

Essa ventura, por singular, se encontra no vulto de nossa biographia, homem de excepção, que principiou de escrever livros, e, na doutrinação e governo de seus conterraneos, lhes vae explicando em publicações differentes a norma e razão de seu procedimento, como homem publico.

Temos aqui as principaes. E são:

— A theoria e legislação do Recambio. 1870.

— Os fideicommissos no direito civil moderno. (commentario aos artigos 1866 a 1874 do Codigo Civil portuguez.) 1872.

— O caso julgado, em face do direito portuguez e da philosophia do direito. 1872.

— A reforma da legislação commercial. 1877.

— A questão Salamanca. 1882

— Reorganisação dos serviços das alfandegas. 1885.

— A questão da fazenda. 1888.

— Questões parlamentares. 1888.

É preciso compulsar estes oito volumes, sendo os primeiros de correcta e por vezes elegante forma litteraria, todos de notavel erudicção, e abundantes na sciencia do direito commercial e civil, e mais elucidativos nas differentes questões sociaes, que ultimamente teem preoccupado os poderes legisladores; — acompanhar um tal exame dos trabalhos constantes de Hintze Ribeiro nas commissões, e debates das duas camaras, para bem comprehender a educação scientifica do seu auctor, onde a robustez intellectual disciplina a vontade. O que tudo explica o obreiro incançavel, e logo o homem de governo, quando nas lutas da polemica partidaria, adduzindo a razão scientifica e a razão civil, sempre as submette á razão politica.

D'aqui a grande auctoridade da sua palavra. E' sizuda, tranquilla, abundante Por vezes afirmando-se energica, nunca violenta. Comprehende-se ao ouvil-o, que falla certo na firmeza das instituições, as quaes podem ser melhoradas, reformadas, nunca substituidas. A sua eloquencia é deliberativa: do seu tempo. Não ha revolução, não ha paixão. N'outra epoca, seria outro orador. Hoje, em frente de proprietarios, funccionarios, advogados, professores, agricultores, sem illusões; ledores, sabedores, scepticos, sem poesia; ensinados pelos successos, pela discussão dos jornaes, pela sciencia economica, que lhes criou interesses e não sentimentos, elle é o homem d'essas assembléas; e, armado de saber multiplice, domina-as pelo vigor da argumentação; não raro as assusta, insinuando subtil, que é um homem da ordem, capaz de errar, incapaz de enganar. Os ouvintes já o sabem. E estão predispostos a escutal-o. Se elle não conta pilherias; se não cita auctores; se não faz insinuações; se tem estudo, seriedade, probidade, — elle offerece garantias. Uma vez, que fallou tres dias, durante 9 horas, sobre reformas fazendarias, comprehendeu-se que Hintz Ribeiro era da estatura dos legisladores inglezes do começo do seculo, ou da epoca de Palmestron, que demoviam a attenção pelo conhecimento e elucidação das questões, não pela sonoridade da voz, ricochete da palavra, meandros da antithese ou emoções sentimentaes. Os que o ouviram então, como eu, que hoje lhe esboço os traços da physionomia intellectual, sentiram-se tomados de admiração. Elle, que fôra ministro dos extrangeiros (desde abril de 1881 a dezembro do mesmo anno), das obras publicas (desde março de 1881 a 1883), e da fazenda (desde outubro de 1883 até fevereiro de 1886), discorria das finanças de Portugal, como se este fôra o cuidado momentoso de toda a sua vida. E' que as especialidades formam-se pela variedade dos conhecimentos. A generalisação é uma qualidade do saber. Eis porque exerce dictadura nos moços e velhos. E é de ver na camara dos pares, de como na occasião do perigo, todos se agrupam em volta d'elle, e a satisfação de todos quando tem fallado, esclarecendo o debate, pondo a questão politica, obrigando os adversarios a reformar o plano de ataque pela novidade e habilidade da defeza, pelo ascendente do seu caracter, que, começando de crear a admiração, acaba por conquistar o dominio.

Até aqui o escriptor e o orador; agora o homem de governo. Hintze Ribeiro, pelos seus estudos, palavra consciente, e educação positiva, é o procurador natural da nação. Hoje, o clero, a nobreza, artistas e operarios, os eleitores, a classe média, os militares, os socialistas, os republicanos, de todos, cada qual marcha sob differentes bandeiras a pontos diversos. D'ahi os grupos, o fraccionamento dos partidos, a politica individual, a discrepancia das folhas periodicas, o combate das insinuações, o jogo das calumnias, os boatos desencontrados, a confusão emfim na vida civil, onde mentem, ambicionam, intrigam, especulam, sem olhar aos vencidos, respeitando os vencedores.

Ao meio d'isto, sereno, frio, com a resistencia e tenacidade de Colbert, tranquillo entre tantas paixões, sem ser d'ellas impressionado ou amedrontado, vae praticando actos de utilidade, que miram ao interesse do maior numero. A outros as theses sociaes, as theorias populares, os grandes sentimentos. Á sua parte a organisação dos serviços,[1] as reformas uteis,[2] a administração intelligente. Combinar os elementos que existem, melhoral-os, reformal-os; dar estabilidade e ordem ás instituições, auctoridade ao governo, eis o seu escopo. Para aqui não encontra obstaculos. Qual o conde de Cavour, nas difficuldades é que se encontra bem; então, o seu trabalho é maior, eis a differença. Quando o ministerio regenerador, em fins de 1885, estava para cahir, foi elle incumbido de encontrar o pretexto: e vae, que faz o nosso biographado? Organisa uma reforma completa de tributos, a que os seus adversarios foram os primeiros a fazer justiça. O pretexto estava achado, o ministerio cahiu. Mas, oh espanto! o ministro da fazenda que lhe succedeu, o sr. M. de Carvalho, de adoptar, como elle proprio confessou, algumas das medidas do seu antecessor. O succedimento apenas vem aqui para fallar da intensidade e brevidade do seu trabalho. De hoje para amanhã organisa uma reforma completa da fazenda. Os jornaes disseram que era a reforma de Caneças; quizeram-se de dizer que elle não fizera a reforma em Caneças, mas que fôra para lá descançar do improbo trabalho, que despendêra em 15 dias.

III

Deveremos continuar?

[1] «Na pasta da fazenda, que geriu, abundam tambem os documentos de sua indefessa actividade. Taes foram: a remodelação dos impostos do sello e do sal; a reforma das alfandegas e da fiscalisação externa; as operações da caixa geral de depositos, da economica e da de aposentações; e os projectos de fazenda apresentados em 1886, que antecederam a breve trecho a queda do ultimo ministerio presidido por Fontes de Mello.»

Biographia de Hintze Ribeiro, pelo Visconde de Benalcanfor. *Reporter, 1.º anno n.º 27.*

[2] «Sob a sua iniciativa foram ordenadas varias construcções de linhas ferreas. Taes são as de Lisboa e Torres á Figueira; a da Beira Baixa; a de Mirandella e de Vizeu. Alargou a rede do sul, sueste e do Algarve. Emprehendeu os caminhos de ferro de Salamanca a Villar-Formoso e Barca d'Alva. Inaugurou o porto de Leixões. Attendeu ás instantes necessidades da navegação, ordenando um plano geral de pharoes, marcas e balisas. É ainda da sua iniciativa um projecto de sociedades commerciaes. Lançou os fundamentos do inquerito industrial.»

V. de Benalcanfor. — Ibid.

Tem-se dito de homens nossos, que elles soterravam os contrarios, ora repetindo todos os dias uma insinuação, que repisavam, remoiam, voltavam, estendiam, desdobravam; ora, se os adversarios eram resistentes, esmagando-os pelo ridiculo. Hintze Ribeiro não é nada d'isto: consciente da sua força, da sua energica vontade, usando da sua rectidão, dos seus principios, de que não ha desvial-o, é um homem de bem, luctando lealmente na politica, e dando-lhe a nobreza de suas convicções e a do seu caracter.

Depois, a fallar, a escrever, na vida intima, é um *grand seigneur:* — polido, urbano, attento, pouco communicativo, e todavia correcto nas palavras e nas acções, sem quebra de qualquer dever social, que a boa educação recommenda.

Por tantos motivos, bem merece a confiança publica, o suffragio d'aquella maioria que mais hoje ou mais amanhã, reconhece e acclama o trabalho serio, constante, indefeso, de quem conquistou sua auctoridade, fazendo-a nos serviços prestantes e prestados á causa commum. O futuro dirá, portanto, que um tal suffragio foi e é merecido, porque, acima de tudo, é a ordem, indispensavel para a existencia de tantos interesses legitimos, — o primeiro elemento da vida. Assim é no mundo physico, na lei geral dos seres, na sociedade civil.

22 de fevereiro de 1890.

V.

CHRONICA OCCIDENTAL

Começamos gostosamente esta chronica registando uma mercê regia, que representa um grande acto de justiça e que foi recebido com alegria e com applauso por toda a imprensa do nosso paiz — a gran cruz da ordem de S. Thiago com que foi agraciado por El-Rei D. Carlos o eminente escriptor Pinheiro Chagas.

A ordem de S. Thiago, creada para galardoar o merito artistico, scientifico e litterario é uma das poucas condecorações portuguezas, senão a unica, que conserva ainda todo o seu prestigio e que significa uma verdadeira distincção.

El-Rei D. Luiz, que como todos sabem era um homem de letras distinctissimo e tinha pela litteratura e pelas bellas artes um disvelado amor e um nobre enthusiasmo, reservára para si o previlegio de conceder essa ordem áquelles que d'ella julgava dignos, e tanto esta resolução do illustre monarcha era sabida de todos quantos o rodeiavam, que nenhum ministro do Reino dispunha das condecorações de S. Thiago como dispõem de todas as outras graças, e respeitando a vontade do soberano deixavam-n'a exclusivamente a seu cargo e á sua iniciativa. Isto que era geralmente sabido, foi-nos informado quasi que officialmente por Antonio Rodrigues Sampaio quando foi ministro do interior.

Por esse tempo havia ainda a associação de jornalistas e escriptores portuguezes — inaugurada com tanto enthusiasmo pelas festas do tricentenario de Camões, e que tão pouco viveu e que tão desgraçadamente morreu. — e n'essa associação havia uma commissão de litteratura dramatica, de cuja mesa fazia parte a pessoa que escreve estas linhas.

Essa commissão promoveu uma festa dramatica musical no theatro de D. Maria por occasião do centenario de Calderon de la Barca e um maestro hespanhol musico de talento, que então estava occupando o logar de maestro ensaiador do theatro da Trindade, D. José Rogel, o auctor festejado das *Amasonas del Tormes*, dos *Dragões del-Rei* e de outras zarzuelas celebres, escreveu expressamente para essa festa uma cantata em honra de Calderon.

A commissão promotora da festa entendeu dever retribuir os serviços relevantes que lhe prestára o maestro hespanhol, obtendo-lhe do governo portuguez uma condecoração, e para esse fim dirigiu-se ao ministro do Reino, que, como já dissemos, era o grande e chorado jornalista Antonio Rodrigues Sampaio, e expoz-lhe a sua pretenção.

Sampaio recebeu-nos com aquella bonhomia bonacheirona que o caracterisava, e depois dissenos:

— Olhem eu por minha vontade dava ao homem todos os habitos que vocês quizessem até mesmo o habito de S. Francisco, mas lá no habito de S. Thiago não me metto. El-Rei reserva es-

sa ordem para a dar lá a quem entende, é muito cioso d'ella, e por isso contentem-se com outra ordem qualquer.

E ainda bem que El-Rei D Luiz era muito avaro da ordem de S. Thiago, porque da parcimonia com que ella tem sido concedida vem-lhe o grande merecimento de distincção, que infelizmente não conservam, por muito vulgarisadas e malbaratadas, quasi todas as outras distincções honorificas officiaes da nossa terra.

E ainda bem que a ordem de S. Thiago conserva esse alto valor, para podermos felicitar Pinheiro Chagas por ter sido agraceado com o maior grau d'essa ordem — a gran cruz — e para podermos louvar El-Rei D. Carlos, que tão bem soube honrar a ordem querida e predilecta de seu Augusto Pae, honrando com ella um dos mais notaveis escriptores do nosso tempo, um dos mais proeminentes e extraordinarios talentos da nossa terra.

O applauso unanime com que essa distincção official foi recebida em todo o paiz, prova claramente a alta e justissima conta em que toda a gente tem a graça e o agraciado.

São raros os agraciados e raras as graças de quem se póde dizer isto.

O OCCIDENTE tinha o dever gratissimo de registar nas suas paginas essa homenagem tão justa e tão merecida, prestada ao excepcional talento de Pinheiro Chagas, cujo prestigioso nome figura proeminentemente na lista dos seus mais illustres collaboradores, e cumpre esse dever com sincera alegria congratulando-se com o paiz pela justiça feita a um dos seus mais gloriosos filhos.

O acontecimento predominante da semana foi a representação da *Torpeza* no theatro da Alegria.

A *Torpeza* é um aproposito dramatico patriotico em 1 acto e 3 quadros, que foi enviado anonymamente á empreza d'aquelle theatro, e que ali se representou com um successo colossal na noite de 6 do corrente.

Coisa rara e que parecia mesmo impossivel entre nós, o mysterio que envolvia o auctor d'essa obra conservou-se invulneravel até quasi á ultima hora, e mesmo ainda depois do ensaio geral — ensaio que foi publico, a que assistiu muita gente e que teve grande exito — esse mysterio ainda se conservou por muitos dias — porque em consequencia da doença d'um dos interpretes, a 1.ª representação da *Torpeza* não se succedeu immediatamente, como é costume ao seu ensaio geral.

A fama do brilhante trabalho litterario, que esse apropósito representa, espalhou-se rapidamente em Lisboa, mas ninguem sabia quem era o seu auctor e a esse respeito corriam as mais diversas versões.

Uns davam como auctor da *Torpeza*, um escriptor dramatico notabilissimo, ha annos já retirado das lides theatraes, e posto em evidencia como jornalista politico pelos seus brilhantes artigos de fundo n'um dos jornaes da noite; outros attribuiam a *Torpeza* a um critico celebre, que nunca escreveu para o theatro senão poucas traducções e que occupa no nosso mundo litterario logar proeminente, como critico da sociedade portugueza do nosso tempo; outros ainda diziam que essa obra de combate era producção d'um titular muito conhecido nas lettras, pelas suas delicadissimas poesias, e no fim de tudo, entre tantas versões que corriam nenhuma era verdadeira.

Só no dia da representação da *Torpeza* é que se soube quem era o seu auctor, porque elle expontaneamente se revelou á empreza do theatro da Alegria. Não era nenhum dos escriptores que se citaram, era exactamente um em quem ninguem fallava e mesmo é um pouco conhecido no mundo litterario, até este enorme successo, que o poz em evidencia, apesar dos seus elevados dotes de jornalistas affirmados em notabilissimos artigos, mas artigos publicados n'um jornal que não tinha grande nomeada nem numerosos leitores — o sr. A. de Campos, official do exercito e um dos redactores politicos da *Esquerda Dynastica*.

A *Torpeza* é um trabalho deveras notavel, uma carga a fundon a Inglaterra, dada sem exaggeros de rhetorica ôca e destemperada e com a historia na mão.

A *Torpeza* é nem mais nem menos de que o julgamento da Inglaterra no tribunal da historia.

Todas as patifarias feitas n'estes ultimos tempos pela Inglaterra são ali expostas a nú, cruamente, com toda a eloquencia singela da verdade, e julgadas severa e justamente por todas as nações, que terminam por expulsal-a do seu convivio.

O ultimo quadro, d'um grande effeito patriotico, é alusivo á subscripão nacional: a Patria pede esmola junto da Estatua de Camões: todos, pobres e ricos, nobres e plebeus, novos e velhos, homens e mulheres, dão o seu obulo para a obra sacrosanta da defeza da Patria, e o brilhante apropósito termina, e muito logicamente, arrancando a Historia os crepes que envolvem a Estatua de Camões, dizendo que não está de luto o povo nobre e heroico em quem vibra tão santa e nobremente o amor da Patria, como vibra no povo portuguez.

A *Torpeza* teve um exito enorme, é um bello trabalho litterario e patriotico, e o seu auctor teve um triumpho colossal e merecidissimo.

A questão com a Inglaterra tem inspirado muitas poesias patrioticas, algumas d'elevado merecimento. Sobre a nossa meza temos quatro d'essas poesias, cujo amavel offerecimento agradecemos aos seus illustres auctores. São ellas:

Pela Patria! oito quadras enthusiasticas e patrioticas de Lucinda do Carmo, a talentosa actriz da Rua dos Condes, a gloriosa *diva* do *vaudeville* que ultimamente se sahiu poetisa e poetisa distinctissima.

Lucinda do Carmo dedicou os seus patrioticos versos á Associação Academica.

A bofetada ingleza, carta em verso a El-Rei D. Carlos, pelo nosso presado collega o sr. Accacio Antunes, que deixou n'estes bellos alexandrinos a musa jovial e folgasan da gazetilha pela patriotica indignação.

A Infamia, carta a El-Rei D. Carlos, tambem em verso, pelo sr. Silva Ferraz, um distincto e novo poeta portuense, editada pela acreditada casa editora do Porto—Empreza Litteraria e Typographica.

Væ Victoribus, anathema á Inglaterra, pelo sr. Duarte d'Almeida, distincto poeta, tambem do Porto e editada pela Livraria Civilisação, d'aquella cidade.

Noticias theatraes ha poucas.

Em S. Carlos terminaram as récitas da Van Zandt, e terminaram mal como mal principiaram.

Na noite da sua despedida a illustre artista estava incommodada, foi infeliz no terceiro acto do *Fausto*, a unica novidade d'essa noite, e a sua despedida foi das mais frias a que temos assistido em S. Carlos.

Agora está ensaiado para subir por estes dias á scena o *Lohengrin*, de Wagner, e diz-se que a empreza escripturou uma dama e um tenor expressamente para ainda dar umas recitas com a *Carmen*.

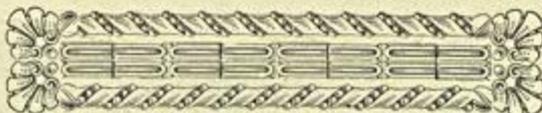
Em D. Maria continua agradando muito A *mãe de minha mulher*, de que no nosso ultimo numero démos noticia, e annuncia-se para o dia 12 a primeira representação d'um novo drama em verso *D. Affonso VI*, original de D. João da Camara, drama que nos parece destinado a ter enorme successo, e que na leitura nos fez o effeito d'uma verdadeira obra prima.

No Principe Real realisa-se no dia 18 o beneficio da grande actriz Lucinda Simões com a primeira representação d'uma comedia em 4 actos *Claudina*, original do sr. Abel Accacio, o festejado auctor da *Jucunda*.

No Gymnasio ensaia-se tambem um original em 4 actos, *O Commissario de Policia*, que deve subir ainda este mez á scena em beneficio do eminente actor comico Valle.

Como se vê, o theatro portuguez vae dando signaes de vida, e actualmente em todos elles se ensaiam trabalhos originaes, porque mesmo na Rua dos Condes, conjunctamente com uma traducção, se está ensaiando um quadro dramatico, *As Cores da Bandeira*, original do laureado dramaturgo Lopes de Mendonça.

Oxalá que fosse sempre assim.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

JOÃO DE LEMOS

Com 71 annos imcompletos falleceu no dia 16 de janeiro d'este anno o emminente poeta João de Lemos, tão primoroso e inspirado cultor da poesia, como escriptor politico vigoroso e firme nas suas opiniões, que sabia sustentar com superior talento, nas columnas do jornal *A Nação* de que foi um dos fundadores.

Apesar da idade e dos achaques proprios da velhice, o estado da sua saude não fazia suspeitar a morte proxima; morreu de repente, quando defronte do espelho, punha a gravata no pescoço, para receber a visita do sr. Antonio Pereira da Cunha, que o procurava em sua casa.

Assim acabava em um momento aquella existencia luctadora e honrada, deixando um rasto brilhante de talento, que nunca enfraqueceu em seu espirito.

João de Lemos nasceu no Peso da Regoa, em 6 de maio de 1819 e era filho de Ignacio Xavier de Lemos Seixas Castello Branco, visconde do Real Agrado, commendador de S. Thiago e coronel do exercito e D. Maria do Carmo Vaz Pinto Guedes, filha do capitão mór do Peso da Regoa.

Em 1841 matriculou-se na Universidade de Coimbra e ali começou a sua carreira litteraria, que tanto lustre havia de trazer para a litteratura portugueza.

De uma biagraphia publicada no *Album Legitimista* e reeditada no jornal *A Nação*, transcrevemos com a devida venia, alguns periodos que illucidam sobre a vida do poeta, do jornalista e do politico:

«Começa, então, em toda a plenitude de uma mocidade alegre e apaixonada a sua vida de trovador. E assim se intitulou, desde logo,—*O Trovador*,—aquelle brilhante depositario de quanto de melhor produziram os talentos d'aquella epocha coimbrã, João de Lemos, Xavier Cordeiro, Serpa, Augusto Lima, Couto Monteiro, Gonçalves Dias, D. Antonio da Costa e muitos outros.

São d'esse tempo tambem muitas, e porventura das melhores, as poesias do seu *Cancioneiro;* foi escripto em Coimbra o inedito *Livro de Elisa;* tiveram as primeiras representações no Theatro Academico *Um susto feliz* e a *Maria Paes Ribeiro!*

Mas nem a lyra lhe ensurdeceu as crenças, porque, em 1843, lá apparece, em Coimbra tambem, a revista religiosa o *Christianismo*, por elle redigida: nem a *poesia* lhe fez esquecer o *direito*, cuja formatura completou em 1846 com uma das mais honrosas classificações que por então se deram.

Aqui veio chamal-o a politica activa. Ja a influencia das bayonetas hespanholas tinha infligido alguns revezes á causa da Maria da Fonte, e tratava-se de uma negociação entre os dois partidos que juntos tinham militado pela causa popular. João de Lemos tomou n'ella parte activa, mas ainda então não teve allivio a dura expiação da legitimidade; o accordo não foi por deante, e elle e outros atiraram-se para o meio da lucta, sem que fosse dos mais incolumes, pois chegou a conhecer a prisão politica.

Logo em seguida foi pelo seu partido encarregado de uma missão ao extrangeiro, onde voltou mais tarde, e por duas vezes, com egual encargo, já quando casado e com filhos, pois que desposára em 1848 a ex.ma sr.ª D. Maria do Carmo de Lima Botado Ferreira Castello, viuva do General governador d'Angola, Nicolau d'Abreu Castello Branco, e filha do Alcaide-mór de Cêa, Joaquim José Ferreira da Costa Castello, commendador de Christo e Moço-fidalgo em exercicio.

Em uma d'essas viagens, em que tambem foram alguns dos mais influentes paladinos do partido legitimista, esteve em Londres com o Rei Martyr, que visitava a exposição; e em outra percorreu a França e a Italia, indo assistir nas terras do exilio ao baptisado de Sua Alteza Real a Senhora Dona Maria das Neves de Bragança e Bourbon.

Na corte de Roma foi recebido pelo Santo Padre Pio IX e pelo Cardeal Antonelli, como redactor da *Nação*, jornal em cuja fundação tomára parte activa, com as maiores demonstrações de estima e affecto, sendo-lhe concedida a mais ampla licença para ler obras prohibidas, e na corte de Modena foi largamente considerado, não só pelo soberano Francisco V, mas tambem pelos seus ministros, com um dos quaes entreteve desde então estreitas relações de amisade. Eguaes relações cimentou n'esse paiz com um honrado legitimista, estimado aqui e lá fóra, onde era bem conhecido, o commendador Antonio Augusto da Matta e Silva, testemunha viva de todos estes factos.

Visitou tambem a corte de Berlim, onde foi obsequiado pelo conde de Rodesk, então ministro do Rei da Prussia; jantou em Veneza com o Conde de Chambord, que lhe offereceu um logar a seu lado; e foi encarregado pelo Senhor Dom Miguel Primeiro de ir á corte de Vienna cumprimentar o Imperador quando este foi ferido no pescoço.

D. Carlos VI, de Hespanha, offereceu-lhe a commenda da Ordem Hespanhola de Carlos III; e o Rei Martyr, enviava-lhe, em 1851 acompanhando uma primorosa penna de ouro, ricamente trabalhada, a seguinte honrosa carta:

«Ainda que por outra carta com a data de hoje vos agradeci, conjunctamente, com os vossos colle-

gas da Commissão, o bem elaborado e arduo trabalho que tivesteis com este importantissimo escripto, não quero deixar de particularmente vos renovar os meus agradecimentos e satisfação, aproveitando esta occasião de vos offerecer como testemunho d'ella a mesma penna com que vôl-o expresso, e com que me assigno.

Battlé-Sassex, em 6 de maio de 1851.

Vosso muito affeiçoado

Miguel.

Régia homenagem prestada á dedicação politica! como ao talento lh'a haviam prestado já o Instituto de Coimbra abrindo-lhe as suas portas, o Conservatorio Real nomeando-o seu socio, a Academia Real das Sciencias acolhendo-o a seu seio!

Imprimiam se, então, os tres volumes do seu *Cancioneiro,* cujo primeiro, intitulado *Flôres e Amores,* tem a data de 1858, e o ultimo, *Impressões e Recordações,* a de 1867. A sua critica está feita, e quando outra não houvesse, bastaria a de Antonio Feliciano de Castilho, na *Revista Universal,* insuspeita e auctorisadissima, mas honrosissima tambem.

Não nos compete apontar preferencias, abalysar as idéas ou discutir a introducção de novos metros, todavia diremos que n'aquella longa serie de poesias as que mais fielmente retratam a alma do nosso poeta são incontestavelmente as que compõem o segundo volume, *Religião e Patria.*

E além d'isso, o *Portugal,* a *Liberdade,* o *Festim de Balthazar,* o *Proscripto,* o *Consummatum est, O funeneral e a Pomba,* e tantos outros trechos d'esse volume são primorosas joias poeticas de subido valor litterario.

O seu ultimo livro de versos intitulou-se *Canções da tarde;* e dizemos ultimo, porque se nem o passar do tempo, nem o importunar da doença lhe tem podido arrefecer a chamma de um talento brilhante e sympathico: a immundicie do meio em que vivemos, a esterilidade de todos os sentimentos nobres, e talvez os desaires da propria vida trocaram-lhe a lyra pelo escalpelo, fizeram do poeta lyrico um prosador de pulso energico, e de admiravel estylo, ora satyrico e cortante, ora opulento e attico, e de uma linguagem sempre vernacula, e sempre natural.

Passado a segundas nupcias, em 1864, com a ex.ma sr.a D. Maria Luiza Botado Ferreira Castello, irmã de sua primeira esposa, e publicados os *Serões de Aldeia,* João de Lemos retirou-se para a sua Quinta d'Anta, junto a Maiorca, e nem ahi no regaço da familia numerosa, em meio dos cuidados agricolas, deu descanço á penna, como alma talhada que foi para as luctas do jornalismo.

D'elle é o opusculo os *Arrozaes,* publicado com o pseudonymo de *Amaro Mendes Gaveta;* e de sua lavra eram tambem os numerosos artigos, publicados na *Nação,* em resposta ao *Conimbricense,* com a assignatura de *Um antigo jornalista,* editados mais tarde em dois volumes, com os titulos de — *Os Frades* — e — *Elles e ella.*

Essa rejuvenescencia para a polemica trouxe-o de novo á vida activa da politica e do jornalismo; director da *Nação* desde 1884, occupa desde essa epocha nas phalanges do partido legitimista o elevado logar que lhe conferem os seus talentos reconhecidos e a sua dedicação inquebrantavel.

E no meio d'esse justo applauso, e das invectivas dos que talvez mais o deviam premiar, surge vigorosa a personalidade de João de Lemos, quebrantada pela doença, mas fortalecida pelo espirito.»

JOÃO DE LEMOS — FALLECIDO EM 16 DE JANEIRO DE 1890

(Segundo uma photographia)

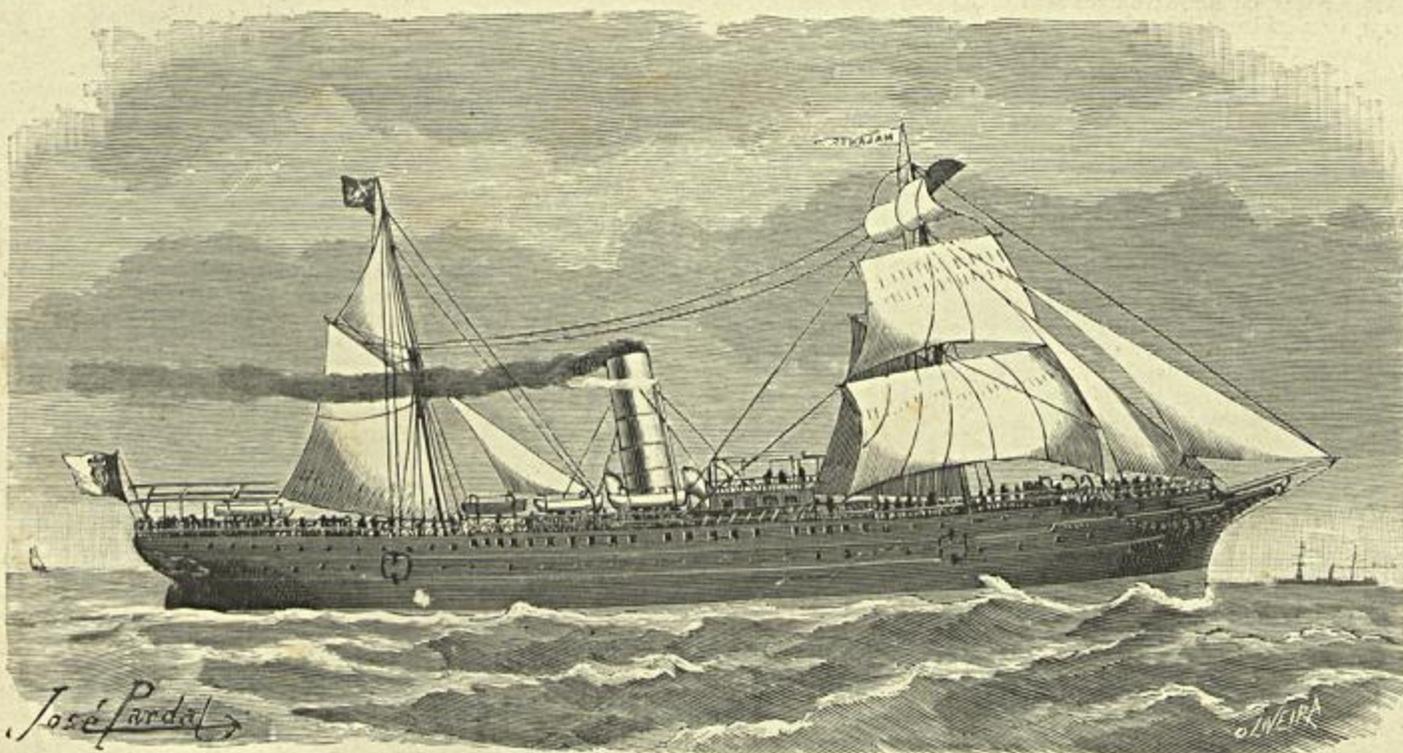
João de Lemos deixara á tempos a direcção do jornal A *Nação,* porque a sua idade já não lhe permittia dispor da actividade necessaria para este cargo, mas nem por isso abandonou a penna, porque ainda não ha muito escreveu o *Tio Damião, O clero e a egreja catholica* e *O monge pintor.*

A redacção da *Nação* inaugurou o seu retrato nas suas salas, em a noite de 9 do corrente, com grande solemnidade.

Era digna d'esta homenagem o illustre fundador d'aquelle jornal, que aos primores do seu talento, reunia as mais apreciaveis qualidades de um caracter honrado.

MALA REAL PORTUGUEZA

O VAPOR «MALANGE»

Visitamos este barco da nossa marinha mercante, que se destina á carreira do Brazil.

O VAPOR MALANGE DA MALA REAL PORTUGUEZA

(Desenho J. Pardal)

Podemos affiançar que é este o melhor vapor mercante que possuimos, tanto em condicções de accomodação para passageiros de qualquer classe, como tambem pela sua boa construcção.

E' da lotação de 3600 toneladas, 4000 cavallos de força com o andamendo de 15 milhas por hora. Os cylindros são de 31" × 50" × 84", as caldeiras todas de aço, e tem 15 fornalhas.

Tem de comprimento 115,m 50, boca 13,m86 e pontal 9,m24. Pode accomodar 75 passageiros de 1.ª classe, 55 de 2.ª e 320 de 3.ª, tendo alem d'isto compartimento especial para 12 degradados (porque era destinado á carreira de Africa) (¹) e accomodações para 240 soldados entre coberta da prôa.

Pode armar em cruzador tendo lugar para a installação de 6 canhões.

O salão da 1.ª camara, está collocado a meia nau, o chão é de ladrilho mosaico, o tecto é trabalhado em talha d'onde resaem magnificos dourados, a mobilia é de carvalho do norte, excellente piano, etc.

nações apontadas, a Dinamarca que é a mais pequena d'ellas, tem 190 vapores mercantes emquanto que Portugal uma grande nação colonial, tem apenas 43, entrando n'este numero os vapores da Companhia dos Caminhos de ferro do Sul e Sueste alguns rebocadores do Sr. Burnay e outros dos maiores da praça do Porto, etc.

El rei D. Carlos visitou o *Malange* no dia 28 de fevereiro. Este vapor estava annunciado para sahir no dia 1 de março ás 3 horas da tarde, pois n'esse mesmo dia ás 5 horas ainda tinha a borda 45 fragatas completamente carregadas, por esse motivo só pôde largar do Tejo no dia 2 ás 11 horas da noite levando carregamento completo e 200 passageiros.

Espera-se que este vapor na volta do Brazil tambem traga um numero avultado de passageiros.

D'aqui, damos um bravo aos directores da Mala Real, pedindo ao mesmo tempo aos directores do Lazareto (vulgo penitenciaria do Porto Brandão) para que não tratem mal os seus

ao Senhor da Piedade, onde concorre gente de muitas legoas distantes, incluindo povos de Hespanha, em pittorescas romarias.

A PALMEIRA DA ESTRELLA

A abertura da nova rua D. Carlos I entre o largo das Côrtes e o largo da Esperança, na continuação da rua do Duque da Terceira, que parte do Aterro, rua que foi inaugurada no dia da acclamação de El-Rei D. Carlos, deu occasião ao publico de vêr um formoso exemplar de uma palmeira como talvez não se encontre outro na Europa.

Esta palmeira existia na cêrca do extincto convento da Estrella, fundado por D. Maria I em 1779 e se ella foi ali plantada quando o convento se fez, tem a idade de mais de um seculo.

Desejando a Camara Municipal de Lisboa embellezar a nova rua, obteve do governo licença para tresplantar a formosa palmeira para o largo da Esperança, em frente da rua D. Carlos I, expondo-a assim ao goso publico.

EGREJA DO SENHOR DA PIEDADE EM ELVAS

(segundo uma photographia)

O *fumoir* é por cima do salão e adornado tambem com verdadeiro gosto.

Todo o navio é illuminado a luz electrica, mas tendo supplementar a petroleo.

Emfim este excellente vapor reune em luxo e commodidades tudo quanto é possivel exigir-se.

O nosso collaborador, sr. José Pardal que visitou o *Malange*, ficou penhoradissimo com a extrema delicadeza e amabelidade dos directores da companhia os Ex.mos Snrs. Souza Leal, Antonio Machado e Pereira Bastos, bem como dos officiaes do navio, srs. João Nunes da Silva, commandante que muitas sympathias goza em Africa, Manoel Mendes, immediato, antigos companheiros de navegação, e commissario Carlos Souza, etc.

A Mala Real confiando no patriotismo portuguez vae mandar construir mais vapores de maior lotação, que são os que então destinará á carreira do Brazil.

Reconhecemos n'isto uma necessidade, attendendo a que paizes mais pequnos do que o nosso, como a Hollanda, Dinamarca, Suecia e Noruega, teem muito mais marinha mercante mesmo em vapores do que nós, basta dizer-se que das quatro

(¹) Vid. OCCIDENTE n.º 389.

hospedes afim de buscar interesses a outra companhia que não seja esta. Haja mais patriotismo e mais seriedade.

O *Malange* prompto a receber carga e passageiros estava na bonita somma de trezentos e quarenta e cinco contos de réis!

EGREJA DO SENHOR DA PIEDADE EM ELVAS

A pag. 50 do XII volume do OCCIDENTE, encontra-se um artigo sob o titulo de *Visita de SS. AA. os Duques de Bragança á Cidade d'Elvas*, no qual se lê uma descripção do formoso templo do Senhor da Piedade.

Pouco ou nada temos a accrescentar ao que n'aquelle artigo se diz.

A egreja do Senhor da Piedade está edificada fóra da praça d'Elvas nas vastas planices que a cercam, e o logar não pode ser mais aprazivel, pelo bem tratado dos terrenos arborisados no meio de que se levanta o edificio.

E' junto d'estes terrenos que se realisa uma grande feira annual denominada de S. Matheus, a 21, 22 e 23 de setembro.

Por essa occasião é que se faz a grande festa

Conseguiu-se tirar da terra esta arvore colossal, tão extraordinariamente desenvolvida no nosso clima, mas foi impossivel transportal-a para o logar a que a destinavam, em consequencia do seu peso extraordinario.

Foi por isso plantada no largo da Estrella, e ali tem concorrido o publico a admirar esta enorme palmeira que junta a si cinco filhos que se dispõe a desenvolver tanto, como sua mãe.

Para o largo da Esperança veio outra palmeira, tambem da cêrca do mesmo convento, mas esta é de menores dimensões e não tem filhos, sendo ainda assim um exemplar muito notavel criado no paiz.

ESTUDOS HISTORICOS

O GENERAL GOMES FREIRE

(CAMPANHAS NA RUSSIA E HESPANHA)

I

O intransigente

(Continuado do n.º 403)

No dia 29 de abril de 1794, Dugommier, general em chefe das divisões republicanas, attaca a

esquerda do exercito hespanhol, toda composta de corpos da divisão portugueza; sustentaram os nossos o vigoroso embate dos francezes desde o romper da manhã até ás 2 horas da tarde! Ainda de esta vez, como no assalto de Villelongues de la Roca e de Saint-Genés, foi a legião portugueza que salvou o exercito hespanhol de ser envolvido.

Então o exercito hespanhol estava todo reduzido a 28:000 homens incluindo 14:000 *somatenes* especie de milicianos, e os portuguezes pouco mais tinham de 3:000!

Em 1 de maio, todo o exercito tem de abandonar a linha do Tech, nos Pyreneos, é batido pelas columnas francezas e retira definitivamente do territorio da Republica.

Occupam a linha de Figueras em terras de Hespanha

Para os que desejem mais ampla noticia d'esta parte da guerra, decerto recorrem, e isso explica a sua extraordinaria leitura, aos *Excerptos historicos* do illustrado general de brigada Claudio Chaby.

A 17 de novembro, depois do mallogrado attaque de 13 de agosto ao campo francez, é ainda a brigada de Gomes Freire (regimentos Freire de Andrade e de Cascaes com parte do 1.º do Porto) a que retira a salvo, castigando por vezes o inimigo. Parte do 1.º regimento do Porto — duzentos e tantos homens — ficam prisioneiros do inimigo devido ao abandono dos hespanhoes que assim deixaram envolver por 5:000 francezes quem por ordem do chefe hespanhol marchava a cobrir-lhes a retirada!

E dizia a ordem do exercito, do conde da União, que os nossos *iam no centro* das forças hespanholas. Os nossos iam, sim, no centro da metralha. Como sabia o general castelhano em que ponto retiraram as tropas do seu commando, se até houve regimentos que cahiram nas mãos de Dugommier, porque o conde da União se esquecera da posição em que os havia collocado!!!... E depois, mandar cobrir aquella retirada em desordem por 400 portuguezes que deviam sós (!) sustentar o encontro violento de milhares de inimigos já ebrios com a victoria, era d'uma grande cortezia da parte *del señor conde de la Union* para com tropas d'uma divisão auxiliar. E na *orden del dia* os portuguezes iam no centro do exercito hespanhol!!

Delicadissimo general! muito cuidado lhe deviamos... em papel!

Era tal, por este tempo, a desmoralisação das tropas hespanholas, que a praça de Figueras, rendeu-se ao receber do inimigo apenas quatro bombas incendiarias,[1] tendo 9:000 homens de guarnição, 200 canhões de grosso calibre, 10:000 quintaes de polvora e grande quantidade de projectis.

Gomes Freire de Andrade, que se tinha batido como um bravo e que na desastrosa retirada do 1.º de maio fôra do diminutissimo numero dos que resistiram á *avalanche* republicana das bayonetas de Dugommier, — em face da indisciplina dos soldados do rei Carlos IV, e indignado contra a brandura e doblez do velho João Forbes para com o tom altaneiro de generaes que contavam derrotas por batalhas, — fez-se um pouco *franc-tireur*; isto é, trabalhou por conta propria. Eis como se fez o *intransigente* que foi tão fallado nos exercitos da campanha de Portugal e Hespanha.

Era necessario sustentar alguma passagem difficil: lá ia o regimento Freire d'Andrade; e não era raro que outros o seguissem, porque era voz assente na divisão auxiliar, que onde estava Gomes Freire, estava a victoria ou a salvação da honra do exercito nacional.

Tanto assim foi que muitas vezes, Gomes Freire, o executou, sem que ninguem lh'o ordenasse; que o digam os officios de Forbes e de D. Miguel Pereira Forjaz.

Gomes Freire tinha a organisação de um patriota e de um chefe militar, não seria um bom politico, mas era incontestavelmente um general; via o estado da batalha n'um relance, e por mais de uma vez salvou o exercito com arriscados e imprevistos golpes de mão. Nem sempre lhe eram ordenados, é certo; e o ciume hespanhol não lh'os perdoava.

D'aqui as discordias, invejas e rivalidades entre elle João Forbes, e os generaes hespanhoes. Não era um indisciplinado como se deprehendia dos ditos do cioso D. Miguel Forjaz e do velho Forbes, se se attendesse á intenção gloriosa com que realisava essas temeridades que o proprio inimigo celebrava, era sim um espirito justamente indignado contra a tibieza e contra a ignorancia. Pois não seria uma monstruosidade ver Gomes Freire, o heroe da campanha da Russia, ás ordens d'um velho fraco mandado por Luiz Pinto de Souza, o causador de tanta baixeza e covardia!

Não devia pois o general João Forbes Skellater admirar-se de Gomes Freire não commetter actos de *indisciplina* nos exercitos de Catharina II, como os não praticou depois nos de Napoleão I, porque este official portuguez, o unico que sustentou a honra da bandeira nacional na seguinte campanha de 1801, não vira n'aquelles exercitos, embora não fossem os que o seu coração escolhera, os desvarios nem as humilhações a que teve de assistir na guerra luso-franco-hespanhola. E, quem conheceu Gomes Freire, sabe bem que seria impossivel áquelle grande espirito o que tão vulgar foi em tão desgraçada era: — esquecer a vergonha e tragar as affrontas......

Diz o sr. Pinheiro Chagas — a pag. 142 do 2.º vol. da *Historia de Portugal*, já citada — «que não havia n'aquelle desgraçado exercito, nem commando, nem direcção, nem previdencia.»

As discordias entre Forbes e Gomes Freire tiveram motivo honroso para este. O que mais irritava o moço brigadeiro, era a maneira facil como o general em chefe portuguez se dobrava ás imposições e se calava ás injustiças da proverbial ingratidão dos generaes de Carlos IV.

Pela entrega de Figueras, internou-se o exercito na linha de Gerona, sendo ainda, n'esta operação militar, Gomes Freire o official que mais se distingue.

Estava terminado o anno de 1794.

Nos mezes de janeiro, fevereiro e março do novo anno, começaram a correr boatos de paz nos acampamentos. Em abril, maio e junho, houve alguns reconhecimentos sem resultado e escaramuças de postos avançados, perdendo-se comtudo n'estes mezes mais de 2:790 praças, pois que só a 14 de junho, quando o general republicano Perignon mandou forragear em toda a linha dos hespanhoes, perderam estes perto de 2:000 homens.

A 17 de julho do 1795 sahiram de Gerona algumas tropas de infanteria, cavallaria, *somatenes* (milicias) e husards de pé e a cavallo, sob o commando do marechal de campo D. Gregorio de la Cuesta. Em quatro dias, passando por Besalu e Lot, chegaram a Puig-Cerdá. Este importante forte era pouco depois tomado á viva força; em seguida entregava-se Velbet á columna de attaque em que iam uns 800 portuguezes. A guarnição franceza ficou toda prisioneira.

Aqui, pode dizer-se, terminaram as operações de 1795 e com ellas a guerra chamada do Roussillon, por isso que no mez seguinte houve ordem de suspender as hostilidades nos dois campos inimigos.

Esta guerra tão desgraçada quanto inutil, onde nos lançámos levados pela Hespanha e enganados pela Inglaterra, não leva menor responsabilidade a essa politica, cobarde e servil para a França e Inglaterra; traiçoeira e altanada para comnosco, dos homens de estado da nação visinha, então sob o dominio do amante da rainha Maria Luiza.

Quando no dia 5 de agosto chegou ao quartel-general portuguez, em Gerona, ordem de suspensão de hostilidades por estar tratada a paz entre França e Hespanha, houve geral estranheza. Porque o general Forbes não tendo recebido do nosso governo communicação alguma, de nada fôra sabedor!! Mas em Lisboa tambem de nada se sabia! E, poucos dias antes, ainda o primeiro ministro de sua magestade catholica, dizia ao nosso embaixador em Madrid, D. Diogo de Noronha, — a proposito da paz com a republica franceza.

— Por ora não julgo ainda ser tempo de tratar d'isso; desejava porém saber, no caso de encetarmos taes negociações, o que fará a côrte de Lisboa. Seria bom que V. Ex.ª na sua correspondencia tocasse n'este ponto ao governo de Sua Magestade Fidelissima.

E o nosso bom D. Diogo respondia que não necessitava consultar o governo da sua soberana porque Portugal *havia de ir sempre* de accordo com o que a Inglaterra e a Hespanha resolvessem. Então, o ministro de Carlos IV, D. Manoel Godoy duque de Alcudia, insinuava que a côrte de S. James não andara, ultimamente, de muito boa fé com a de Aranjuez, e que urgia portanto tomar um partido, independente de qualquer intervenção do gabinete de Londres.

D'este modo, era visivel que a Hespanha tratava a paz com a França atraiçoando a nação que a soccorrera na vespera.

Isto a 11 de agosto de 1795.

Mais de um mez antes da ordem de suspensão de hostilidades chegar aos acampamentos portuguezes e hespanhoes, isto é a 22 de julho de 1795, assignava na cidade de Basiléa D. Domingos Yriarte, plenipotenciario hespanhol, e o cidadão François Barthelemy a paz entre o governo de Sua Magestade Catholica e o da Republica Franceza.

*
* *

Chegando a este ponto, temos tratado das campanhas de Gomes Freire na Russia e em Hespanha, vamos agora affirmar a sua intransigencia para com tudo que fosse contrario á dignidade e bom nome de Portugal.

Em breve veremos como em seguida á nossa invasão pela Galliza, um dos mais brilhantes feitos d'armas de Gomes Freire, se confirma essa *intransigencia*, para com o dominio francez, — no que foi muito applaudido pelos inglezes, designadamente o duque de Sussex, como contra todo o dominio estrangeiro á sua patria.

Intransigente contra o poder absoluto, intransigente contra a deslealdade, contra a ignorancia, contra a dominação despotica fosse de quem fosse.

Assim, era Gomes Freire *um intransigente*.

(Continúa.) *Manoel Barradas.*

[1] Historia de Portugal nos seculos XVIII e XIX — vol 2 — pag. 143.

A COMEDIA DA VIDA

—

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

(Continuado do n.º 401)

—

XX

— Não consente? perguntou o Quim começando a embespinhar-se.

— Não senhor, eu consinto lá que esses repellentes bichos negros me chupem o meu sanguesinho! contestou corajosamente o major Rodrigues.

— Ora essa! O sr. está doente hade consentir em tudo que o medico mandar.

— Mas este homem não é medico, é um barbeiro, é um alveitar! bradou o major.

— Alveitar! exclamou indignado o barbeiro repontando.

Alveitar é que o sr. precisava, seu atrevido... Alveitar?

E vá lá uma pessoa fazer bem a um malcreado d'estes?

O major teve vontade de repellir energicamente a affronta, mas o barbeiro brandia ameaçador o vidro das bichas, e o Quim olhava-o meio desconfiado, a espera de qualquer movimento do major, que lhe demonstrasse terem razão as suas suspeitas de que a inexplicavel queda do seu segundo *valiente* levara agua no bico...

E por causa dos olhos do Quim e das bichas do barbeiro o major Rodrigues entendeu mais prudente devorar em silencio o malcreado insulto, e contentou-se em desentranhar-se n'uma ladainha de Ai! Jesus!; intercallados d'esta phrase digna e dolorida:

— Se eu não me sentisse tão incommodado outro gallo cantaria.

Mas como outro gallo não cantava e os *ais!* do major não acabavam, o Quim entendeu que era preciso acabar com aquillo, pôr ponto n'aquella scena, que juntava já em frente da porta do barbeiro enorme multidão de curiosos, na sua maioria fadistas da Mouraria, que começavam a crivar de piadas grossas aquelle dramatico episodio.

— Então o sr. não quer levar as bichas? perguntou elle ao major.

— Não senhor, respondeu com energia o major Rodrigues.

— Decididamente?

— Decididamente.

— E sente-se melhor?

— Qual melhor!

— Sente-se com forças de me acompanhar na via sacra da rehabilitação da minha honra?

— Não senhor, não sinto, respondeu apressadamente o major.

— Bem n'esse caso, como eu não posso ficar aqui todo o dia.

— Está bem de ver, interrompeu o major, está bem de ver, não esteja aqui a perder tempo, vá á sua vida.

— E o senhor?

— Não se incommode por minha causa, vá o senhor ao seu destino, que eu cá me irei arrastando até casa...

— Nada, não senhor, isso não faço eu...

— Mau, isso não é para nós

— Não senhor, então eu sahi de casa comsigo, e heide deixal-o aqui, doente, estropiado, no meio da rua?...

— Não faz mal: deixe, deixe, não esteja com incommodos.

— Estou, sim senhor, estou com incommodos e tenho muito gosto em estar, ora essa!

— Muito obrigado, mas não quero.

— Quero eu!

— Olhe que póde ficar aqui todo o dia, eu sei lá quando me poderei mecher.

—Não, todo o dia é que não, protestou logo o barbeiro, o dono da loja, intervindo, o senhor está me fazendo pejamento no estabelecimento, e de duas uma ou o senhor leva as bichas, e então é um freguez como qualquer outro, e póde estar na loja, ou não leva nada, e então é um emprasador e eu ponho-o já com os quatro custados na rua.

— Mas isso é barbaro, é deshumano, contestou gemendo o major Rodrigues.

— Não quero cá saber de manos, o que sei é que no fim do semestre o senhorio pede-me a renda da casa, o estado pede-me a decima do estabelecimento e eu não tenho loja aberta para servir de enfermaria. Isto aqui não é hospital. O hospital é ali a dois passos voltando á esquerda.

— É verdade, o hospital é aqui perto, quer o senhor ir para o hospital? perguntou muito sollicito o Quim ao enfermo.

— Para o hospital? Credo! Deus me livre!

— Então não sei o que lhe faça, o dono da loja impõe-nos ordem de despejo.

— Não sabe o que hade fazer? Sei eu, disse o major como que tocado d'uma idéa genial.

E tirando o *bonnet* e passando a mão pela sua cabelleira grisalha, disse heroicamente ao barbeiro, collocando-se em *pose*;

— Corte-me o cabello!

— Prompto! Lá isso é outro cantar! disse o barbeiro, e depondo o vidro das bichas sobre o toucador emponhou a thesoura do seu sarcedocio, e começou gravemente a officiar na cabeça do major Rodrigues.

O Quim torcia-se todo com a demora que trouxera este expediente habil e heroico do major, e este vendo-o a torcer-se dizia-lhe a miudo;

— O homem! O sr. não esteja aqui preso por minha causa! Vá á sua vida, vá!

Mas o Quim não ía.

Era cabeçudo, era teimoso, resolvera cumprir briosamente o seu dever de companheiro do major e não seguia para a sua vida.

E respondia invariavelmente:

— Não senhor, heide acompanhal-o a casa.

— Olhe que eu não sei ainda quando poderei arrastar-me.

A perna está ainda muito dorida. Va-se embora.

— Não vou.

— Baixe a cabecinha, baixe a cabecinha, dizia o barbeiro á sua victima, baixe a cabecinha que assim não o posso tosquear.

Terminada a operação, o que levou seu tempo com todas estas interrupções, o Quim soltou um suspiro d'alivio, como se fosse a sua propria cabeça que alfim se visse livre das mãos crueis do barbeiro, e perguntou ao major, cheio de esperança:

— Então? Agora?

— Mal, muito mal ainda!

— O que? Ainda não póde devagarinho, pelo meu braço, ir até sua casa... olhe que são aqui dois passos.

— Não posso! não posso!

— Ora vamos lá a experimentar, tentou o Quim.

O major quiz fazer-lhe a vontade. Fez um esforço para se pôr em pé, mas desatou logo n'um berreiro como se estivessem a esfolal-o em vida.

— Não vae, não vae, disse desanimado o major.

— Então agora o que se ha de fazer?

— Olhe, eu espero, porque já sou freguez e comprei á custa dos meus cabellos o direito de estar aqui: espero até ver se isto melhora um pouco e depois cá irei conforme poder, e o meu amigo vae á sua vida.

— Isso é que não vae, respondeu já azoado o Quim. O senhor sahiu commigo, commigo hade entrar.

E chegando á porta da loja perguntou para a multidão:

—Estão ahi os dois homens que trouxeram para aqui o sr. major.

— *Sumos* nós, *baya*, *patron*, disseram logo dois gallegos saindo da massa do povo agglomerado á porta do barbeiro.

— São vocês?

— *Xim xenhor*!

— Bem, então peguem outra vez n'elle e venham comigo.

Os dois gallegós sem fazerem caso dos protestos energicos do major Rodrigues agarraram outra vez n'elle em charola, e saíram da loja.

— *Antonces* para onde *bay agura* este *andor*? perguntaram elles.

A multidão contorceu-se n'uma hilariedade ruidosa, e o major, muito vermelho, muito encavacado perante essa montaria colossal, esquecendo-se de repente de toda a comedia artisticamente improvisada da sua doença, saltou lepido para o chão, com a ligeireza d'um acrobata.

Então os numerosos espectadores de toda esta comica scena romperam em freneticos applausos ao major, que ao mesmo tempo que cahia em pé no chão, cahia tambem em si e comprehendia a imprudencia da cura maravilhosa que acabava de operar.

E para remediar o caso, principiou a fazer caretas, a chiar com dôres, caretas e chiadeira que fizeram seu effeito no espirito do Quim.

— Está peior major? perguntou elle.

— Não, mas este salto assim de repente fez-me umas dôres...

— Mas que tolice: para que saltou o senhor assim? Parecia que não tinha nada.

— Que quer! aquelles brutos fizeram-me doer os braços, e como uma dôr maior mata uma das mais pequenas—a dôr dos braços matou a dôr das pernas. Mas agora a dôr das pernas ressuscitou.

— Então volte para o collo dos gallegos...

— Nada, nada, vamos a ver se pelo braço, com geitinho, muito devagar me posso ir arrastando até casa.

E dando o braço ao Quim os dois começaram a experiencia com bons resultados.

E muito devagarinho lá foram até ás Olarias seguidos por uma grande leva dos mirones mais curiosos e tenazes, que acompanharam a procissão até ao templo, fazendo-se commentarios picarescos.

(Continúa).

Gervasio Lobato

REVISTA POLITICA

Discute-se actualmente na imprensa politica a diplomacia do sr. Barros Gomes, na desgraçada questão que nos leva uma boa parte dos nossos territorios em Africa para poder dos inglezes, accusando-a de pouco activa, muito rethorica e nada pratica.

Estamos de pleno accordo com esta accusação, que afinal é tão verdadeira que não destoa dos nossos habitos e que se poderia fazer a todos os governos, que ha um bom par d'annos a esta parte tem dirigido os destinos do paiz.

Sim a actividade, o laconismo e as ideas praticas não são o nosso forte, e muito menos nas altas regiões do poder.

Tenha-se em vista o parlamento com os seus palavrosos oradores, tenha-se em vista tantas leis que nunca se chegam a pôr em execução, attenda-se a tantas reformas que se succedem umas apoz outras sobre o mesmo fim sem se chegar, na maioria dos casos, a nenhuma conclusão pratica.

E se isto é assim, a descussão que ora se levanta a proposito da questão ingleza, podia levantar-se a proposito de muitas outras questões que vem de longe, e em que todos os governos tem bom quinhão.

Pois se este é o nosso feitio, como ora se diz.

De ha muito que a Inglaterra tem manifestado pretenções sobre os nossos dominios de além-mar; crêmos que nunca deixou de ter essas pretenções, mas isso não serviu de aviso para nos precavermos contra a rapina ingleza. Houve mesmo tempos que os nossos governos nem se quer pensavam nas nossas colonias, chegando a haver ministros que não acreditavam que d'ali nos podesse vir bem nenhum.

Para não remontarmos a epocas mais distantes, iremos buscar factos dos nossos dias.

Foi preciso que um explorador inglez, Cameron, nos censurasse rudemente no seu livro, e que um deputado inglez nos insultasse nas camaras inglezas, para que no parlamento portuguez, se levantasse a voz eloquente de Pinheiro Chagas e outros poucos oradores a protestar contra o insulto, e a chamar a attenção do governo para as colonias portuguezas.

Foi preciso que apparecesse a questão de Lourenço Marques, em que a Inglaterra nos queria roubar esta possessão, para que se tratasse a valer de fazermos bons os nossos direitos perante a arbitragem, e tratassemos de occupar devidamente e melhorar as condicções de desenvolvimento d'aquella coloniu tão importante.

E com estas unhadas do leopardo lá temos ido dando algum desenvolvimento ás nossas possessões, sem que apesar d'isto se tenha estabelecido uma boa politica colonial, que occupasse uma boa parte das attenções dos governos do paiz.

N'estas circumstancias qual governo está issento de culpa?

Se os progressistes vem accusar o governo de nada ter adiantado n'esta questão, nos dois mezes que vão decorridos, os defensores do governo respondem-lhe com o desleixo do sr. Barros Gomes, e n'este campo esteril nada se produzirá que utilise para a solução da pendencia.

Outro deve ser o caminho a seguir, pois que da Inglaterra nada podemos esperar, e para isso é preciso que todos ajudem o governo, este ou outro que venha, em vez de se lhes levantar difficuldades internas que nos podem levar a uma situação mais difficil ainda do que a que atravessamos

Com a approximação das eleições vão-se manifestando os primeiros symptomas da lucta, que pelos annuncios promete ser tormentosa.

Não se olha ás condicções especiaes em que o paiz se encontra n'este momento, e parece que mesmo d'ellas se quer tirar partido.

Seja pelo amor de Deus, e em vista d'isto damos graças por não nos cegar a politica, e, portanto vermos claro, o que nos faz duvidar muito da sinceridade dos partidarios da monarchia, que fazem opposição ao governo.

Não nos parece que essa opposição seja o melhor meio de garantir as instituições na occasião presente, e mal vae a quem ainda hontem deixou o poder por não lhe ser possivel sustental-o, estar hoje ás pedradas a elle para o derribar.

Para que?!

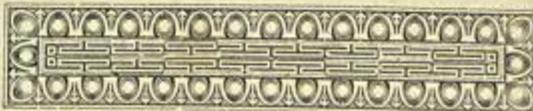
Nunca foi precisa tanta prudencia, e não é muito que depois de tantos annos de jogo de interesses pessoaes se attenda aos interesses da patria, cercada de difficuldades que esses mesmos interesses lhe criaram.

Para amanhã annuncia-se a publicação do decreto de dissolução da camara municipal de Lisboa.

Este decreto é esperado com certa anciedade, para se conhecer das causas que o determinam.

Não é a primeira vez que se dá este caso, mas se este acto governativo desperta sempre os animos, na occasião presente, em que os animos estão sufficientemente despertos, mais impressão faz.

Verêmos e dirêmos.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Exequias em Pernambuco por alma de El-Rei D. Luiz. — O correio do Brazil trouxe-nos noticia das solemnes exequias mandadas celebrar pela colonia portugueza, em Pernambuco. Foram estas exequias das mais sumptuosas que se celebraram no Brazil por alma do estimado monarcha portuguez.

Para levar a effeito este acto religioso foi nomeada uma commissão composta dos seguintes cavalheiros: dr. Antonio de Castro Feijó, (consul); Visconde da Silva Loyo; commendador Francisco R. P. Guimarães; Antonio Fernandes Ribeiro; João José Rodrigues Mendes; Manuel Ferreira Bartholo; Antonio do Carmo Almeida; Diogo Augusto dos Reis; José Bernardino Ferreira; José Maria de Andrade; Antonio Nunes da Cruz; A. J. Barboza Vianna; commendador J. A. Alvares de Carvalho. As exequias tiveram logar na egreja de Nossa Senhora da Penha.

O templo foi todo armado e no cruzeiro levantado um grande catafalco caprichosamente ornamentado. Officiou o reverendo frei Caetano de Messina Sobrinho, perfeito da Penha, sendo recitado o elogio funebre pelo reverendo frei Celestino de Pedavoli. Assistiram ás exequias, além dos membros da colonia portugueza, muitas das principaes auctoridades brazileiras, assim como o commandante e mais officialidade da corveta *Bartholomeu Dias*, que se achava ao tempo em Pernambuco.

Uma orchestra composta de 40 professores tocou aos officios funebres e a solemnidade teve toda a imponencia propria do grande facto que commemorava.

No fim das exequias foram distribuidas á porta do templo 500 esmolas de 1$000 réis aos po-

bres, completando-se assim este acto religioso pela pratica de uma obra de caridade.

Sentimos não ter recebido mais cedo a noticia d'estas exequias e a photographia do catafalco para a reproduzirmos em nossas paginas, o que hoje é demasiado tarde para o fazermos, por outros assumptos occuparem o OCCIDENTE.

Entretanto agradecemos a photographia que nos foi enviada pelo sr. A. J. Barbosa Vianna assim como o numero da *Lanterna Magica*, que se refere largamente ás exequias e d'onde extractemos esta noticia.

SUBSCRIPÇÃO PARA A DEFEZA NACIONAL.—Já se acha definitivamente constituida a grande commissão eleita para a defeza nacional, a qual já organisou os seus trabalhos de modo a funccionar regularmente, tendo-se estabelecido no salão do theatro de D. Maria II, onde recebe todos os donativos com que o povo portuguez queira concorrer para a defeza nacional.

A subscripção á frente da qual se acha o nome de Suas Magestades El-Rei D. Carlos com réis 40:000$000, rainha D. Maria Amelia e D. Maria Pia com 20:000$000 cada uma, e sua alteza o infante D. Affonso com 5:000$000, os srs. duques de Palmella, com réis 10:000$000, a camara municipal de Lisboa com 100:000$000, os srs. marquezes da Praia e de Monforte com 6:000$, condes de Valenças com 1:000$000 etc., sobe já, á data em que escrevemos (10 de março), a 240:627$000. São muitas as subscripções promovidas por todo o paiz para o mesmo fim e se já todas estivessem reunidas á subscripção de Lisboa, aquella cifra seria já consideravelmente maior.

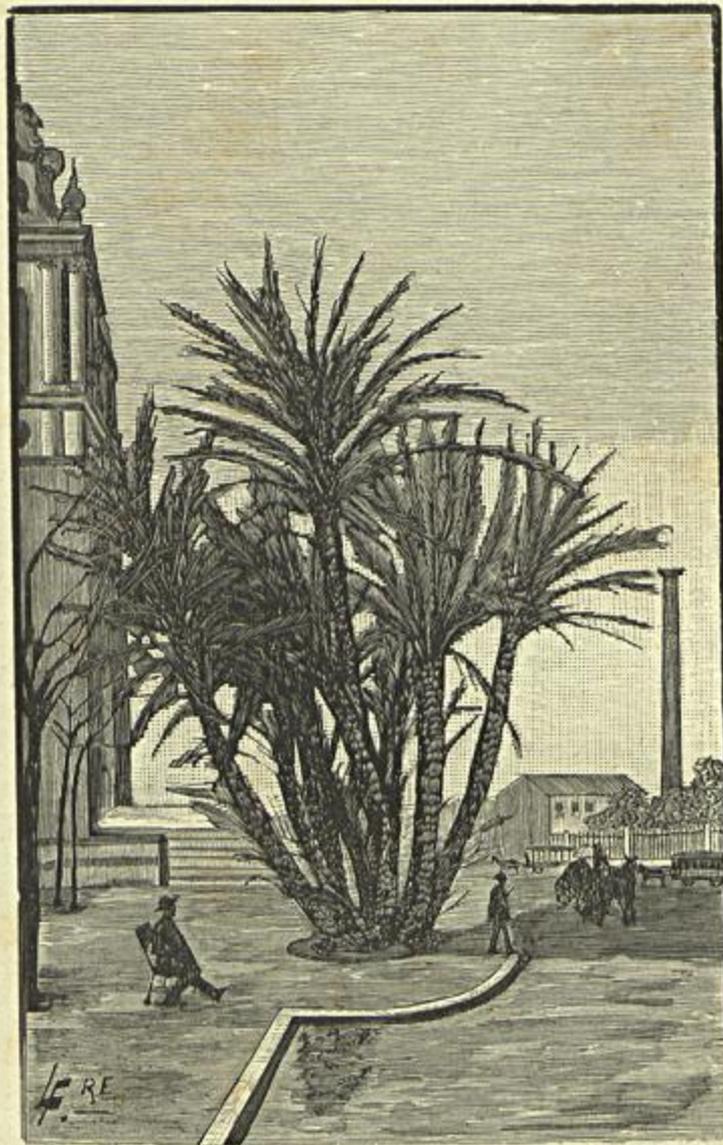
UM MAPPA ANTIGO DA AFRICA.—Em uma bibliotheca publica de Cordova existe um mappa da Africa de ha 200 annos. Foi visto por um inglez Cumming Macdonald, que d'elle dá noticia, e que ficou muito surprehendido por no dito mappa se acharem mencionadas muitas regiões e tribus, rios e montanhas, que elle suppunha só terem sido descobertos por Livingstone, Grant, Speck etc. Esta admiração do inglez é deveras ridicula, porque só mostra a ignorancia em que os inglezes vivem, quando imaginam que elles descobriram alguma coisa em Africa que os portuguezes não conhecem já e por onde não tivessem andado. Se os exploradores inglezes não tivessem destruido muitos vestigios da passagem dos portuguezes por aquellas paragens, podiam allegar ignorancia, mas assim é evidente que na maior parte dos viajantes inglezes domina a má fé, em não reconhecerem a prioridade das descobertas dos portuguezes, que os incommodam e lhe servem mal as suas ambições de piratas.

Este mappa a que vimos de nos referir é evidentemente obra dos jesuitas que percorreram toda a Africa ha mais de dois seculos, e que tinham o bom cuidado, como exploradores illustrados, de traçar em mappas as regiões que percorriam, enviando-os aos superiores das suas ordens.

Uma reproducção d'este mappa e de outros que devem existir nos velhos archivos dos conventos jesuiticos de Hespanha e cá, se a maior parte d'essas bibliothecas não tivessem sido desmanteladas, seria de grande utilidade para a vulgarisação da historia das nossas descobertas no paiz africano.

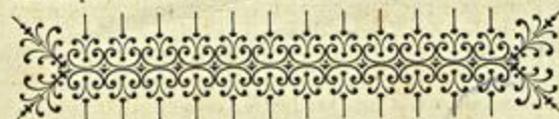
Tudo quanto possa confundir esses inglezes que se arrogam serviços que nunca prestaram, questionando com Portugal os seus direitos e descobertas, é util n'esta occasião, como o seria sempre, se não tivessemos confiado de mais no valor indiscutivel das nossas descobertas.

CONDE DE VALENÇAS.—O governo de Hespanha acaba de agraciar com a gran-cruz da Ordem Civil de Benificencia o sr. Conde de Valenças. Esta distincção conferida ao illustre titular é uma prova incontestavel do reconhecimento das suas enexcidiveis qnalidades philantropicas, pois que o governo hespanhol é extremamente escrupuloso em conferir esta mercê.

Esta condecoração só é concedida, por meio de informações muito minuciosas, sobre os actos de benificencia do agraciado, e submettidas a um jury especial que as aprecia, o qual depois d'este exame propõe o agraciado, proposta que tem de ser ainda submettida á apreciação do conselho de estado, que se reserva o direito de a confirmar ou regeitar, tudo isto em virtude do decreto de 30 de dezembro de 1857 que regula a concessão d'esta mercê.

A PALMEIRA DO CONVENTO DA ESTRELLA

(Desenho do natural por L. Freire)

Os serviços humanitarios prestados pelo sr. Conde de Valenças, um dos fundadores dos *Albergues Nocturnos*, essa util e humanitaria instituição que tanto socorro presta aos desportegidos, quer nacionaes ou estrangeiros em que se conta grande numero de hespanhoes, estão de tal modo reconhecidos pelo publico, que seria ocioso encarecer aqui a justiça com que o benemerito titular recebeu esta alta destincção do governo hespanhol, distincção que é pela primeira vez concedida a um estrangeiro.

Receba o sr. Conde de Valenças os nossos cinseros parabens.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Historia da Revolução Portugueza de 1820, *illustarda com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha*, etc., por José d'Arriaga Lopes & C.ª editores, Porto. Fasciculo n.º 45 pertencente ao 4.º volume d'esta magnifica obra.

Com este fasciculo é distribuido um brinde aos srs. assignantes e consta de um bello quadro de grandes dimensões representando *Manuel Fernandes Thomaz acclamado pelo povo de Lisboa.*

A Terra Illustrada. *Resumo de geographia universal* por Onesime Reclus, versão portugueza acompanhada de notas e ampliada quanto a Portugal, Brazil e colonias portuguezas, sob a direcção de Tito de Carvalho. Illustrada com perto de 600 gravuras intercaladas no texto, representando monumentos, vistas e typos. Companhia Nacional Editora. Lisboa. Fasciculo n.º 1 e 2 d'esta interessan-te obra que tem tanto de instructiva quanto de amena.

Carta ao Piteireiro João dos Bules por Marques Lourenço. Porto, 1890. Um punhado de quintilhas em 16 pag. mettendo a ridiculo o typo de John Bull.

Duas Palavras *sobre a historia do direito civil e criminal de alguns povos antigos e modernos, trabalho apresentado no acto dos seus exames de direito* pelo advogado Carlos Eugenio João Filippe Ferreira, Gôa, 1889. Um pequeno folheto de 48 paginas in 8º. Em tão pequena obra não é possivel fazer a historia da legislação dos differentes tempos, mas no resumo que este folheto apresenta, o seu auctor mostra sufficiente conhecimento d'essas leis.

O Lubuco. *Algumas observações sobre o livro do sr. Latrobe Bateman intitulado The First Ascent of the Kasai*, por Henrique Augusto Dias de Carvalho, major do estado maior de infanteria e chefe da expedição portugueza ás terras da Lunda, na Africa Central etc. Opusculo de 60 pag. in-4.º Lisboa. Imprensa Nacional, 1889. Este opusculo do benemerito explorador portuguez o major Henrique de Carvalho, restabelece vigorosamente a verdade de alguns factos desfigurados por Latrobe Bateman no seu livro ultimamente publicado em Londres. Os profundos conhecimentos africanos do sr. major Carvalho, revelam-se mais uma vez n'este trabalho que recommendamos a quantos se interessam pelos estudos da nossa Africa.

Revista Archeologica *estudos e notas* publicacados sob a direcção de A. C. Borges de Figueiredo etc. Lisboa n.º 1 do vol. IV, janeiro de 1890 cujo summario é o seguinte: Antiguidades romanas de Chelas, por Figueiredo; Estudio del sarcófago antropoide y esqueleto que contiéne, encontrados em 1887, por Sanchez Navarro; bibliographia.

Apostolado de Jesus Maria José *boletim mensal illustrado consagrado ás associações do sagrado Coração de Jesus das filhas de Maria e S. José*, director padre Manuel Damaso Antunes. Companhia Nacional Editora, Lisboa. Esta publicação destinada a propaganda religiosa recommenda-se pela sã leitura dos seus escriptos, primor de suas finas gravuras em aço e nitidez da edição. No meio de tantas publicações que para ahi apparecem, algumas d'ellas mais perniciosas do que salutares para o espirito, bom é que appareça uma publicação religiosa que todos possam lêr com proveito e bom ensinamento moral.

AVISO

Para podermos satisfazer a todos os pedidos que nos tem feito da musica *A Portugueza*, e tendo-se esgotado os exemplares que tinhamos para distribuir, resolveu a Empreza do OCCIDENTE, fazer uma edição especial d'esta musica que offerecerá com o proximo n.º 405 a todos os assignantes e compradores do OCCIDENTE.

Adolpho, Modesto & C.ª — IMPRESSORES